



As cartas destinadas a esta secção devem indicar o nome e a morada do autor, bem como um número telefónico de contacto. O PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e eventualmente reduzir os textos não solicitados e não prestará informação postal sobre eles.

Email: cartasdirector@publico.pt
Telefone: 210 111 000

CARTAS AO DIRECTOR

O tempo certo, um artigo a não perder

Os leitores apreciarão mais um artigo, excelente como são sempre, da presidente da Speco – Sociedade Portuguesa de Ecologia, professora Maria Amélia Martins-Loução, da FCUL, no PÚBLICO de 26 de Abril.

Além de um oportuno enquadramento da pandemia actual no contexto da conservação da natureza, faz referência aos malefícios das monoculturas, que são conhecidos desde há muito dos autores da ecologia, da boa agronomia, do paisagismo e até mesmo da economia, sociologia e demografia (como é o caso de Josué de Castro), mas que alguns teimam ainda em querer abstrair desses contextos, para não terem que reconhecer onde estão as monoculturas no nosso país.

Destaco uma passagem: “Há muito que os cientistas avisam que a desflorestação incessante, a perda e degradação de habitats, o uso e abuso de monoculturas intensivas, o comércio ilegal de espécies

selvagens, o consumo de animais e o aumento da densidade populacional urbana facilitam as pandemias.”

A negação desse saber espanta, tanto mais quanto ele surge desde há muito associado aos avisos de ecocientistas sobre as repercussões do recuo dos ecossistemas e sobre as alterações climáticas, ao apontarem o surgimento provável de novas doenças e o possível ressurgimento de algumas que se julgavam erradicadas. Há uma referência também à vantagem de certos frutos secos, como a alfarroba, o que me faz recordar, dolorosamente, as denúncias que desde 2017 têm sido feitas do derrube inconsciente de numerosas alfarrobeiras no Algarve para abrir caminho a certas culturas comerciais na moda ou “exigidas” pelo mercado, ou por simples reacção cega às directivas de abates de árvores na sequência dos trágicos incêndios ditos florestais (ou, mais cinicamente, “rurais”) de 2017.

José Carlos Costa Marques